

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

MEMÓRIA SOCIAL

DISCURSOS RACIAIS EM MUSEUS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: MEMÓRIA, IDENTIDADE E CULTURAS NEGRAS

¹ Jéssica Maria de Vasconcellos Santana Hipolito (IC - UNIRIO); ² Andréa Lopes da Costa Vieira (orientadora).

1 – Escola de Museologia; Departamento de Estudos e Processos Museológicos; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

2 – Departamento Ciências Sociais; Programa de Pós-Graduação em Memória Social; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Apoio Financeiro: UNIRIO.

Palavras-chave: museu, exposição, raça.

INTRODUÇÃO

A pesquisa integra o projeto PATRIMÔNIO, IDENTIDADE E AÇÕES AFIRMATIVAS: A APROPRIAÇÃO DA NARRATIVA E RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA NA CONTEMPORANEIDADE, que discute os processos de produção da memória dentro do conceito de pós-modernidade, vinculados à percepção das mudanças no campo das relações sociais, tendo como foco a ascensão dos valores da identidade. Esta identidade que se torna um importante instrumento de ações políticas.

As identidades e culturas negras suprimidas em suas representações nas instituições formais, sendo resignificadas como cultura nacional, interiorizadas como brasileira e não uma cultura negra em si, podem se refletir nos discursos empregados nos museus brasileiros. Sendo este um dos principais espaços formadores e legitimadores de um discurso identitário forte, é papel do museu elucidar tais relações que se mostram tão dispare.

A busca pelo fortalecimento de uma identidade ou identidades muitas vezes está ligada diretamente ao resgate do passado. No caso das identidades negras essa recuperação da memória se mostra mais complexa se pensarmos uma memória que se apresenta só posteriormente escrita, documentada. Sendo assim, a memória oral tem sido a principal forma, neste caso, de estabelecer uma ligação entre passado e presente.

A construção de memórias e identidades tidas como negras, num país como o Brasil, não é tão simples. Crescemos e vivemos a maior parte de nossas vidas ouvindo sobre uma democracia racial, sobre o fato de sermos um povo miscigenado, composto por brancos, negros e índios. Enfim, um Brasil sem cor, um local em que todas as raças convivem harmoniosamente e o preconceito racial é inexistente. Todavia, o que a história e consequentemente os fatos nos mostram não remete a este paraíso racial. Os negros tornaram-se a partir da Abolição cidadãos e portanto, incluso no modelo brasileiro de nação, fortemente estereotipado pelo mito das três raças. Adota-se então a imagem de um país sem preconceitos, democrático racialmente. Contudo, é fato a tentativa de embranquecimento do povo brasileiro através da mestiçagem. Alguns defensores do racismo científico, descrentes na miscigenação em prol do embranquecimento, defendiam que a mistura entre as raças iria, literalmente, denegrir o Brasil. Todo esse percurso se estende até os dias atuais e consequentemente é refletido na sociedade em que estamos inseridos.

Em se tratando de patrimônio, as eleições dos bens culturais passíveis de patrimonialização não se dão de forma aleatória. E estas escolhas elucidam as características da sociedade em que tais bens permanecem. Vale salientar que estas decisões são responsáveis não apenas por exaltações, mas principalmente por esquecimentos. Pertencentes a um mundo em que o ideário racial predominante é o branco, consequentemente a memória coletiva construída é baseada nos agentes principais deste ideário.

O museu, um dos principais disseminadores do discurso vigente da memória e do patrimônio está de certa forma envolvido com esta discussão. No caso da representação do negro neste espaço de memória é comum a apresentação basicamente relacionada ao período da escravidão, onde, nas exposições são mostrados mais comumente instrumentos de suplício e documentos como cartas de alforria ou gravuras representando o trabalho escravo. Alguns nomes da arte brasileira como Aleijadinho ou Mestre Valentim são mencionados, sujeitos negros que, apesar de excelentes artistas e feitores de grandes obras, não eram reconhecidos justamente devido a sua cor.

Dentro da conjuntura da sociedade atual, de acordo com as transformações políticas e econômicas que se constroem na nova disposição geopolítica, neste mundo globalizado, sem fronteiras, em que as relações se dispõem de maneira mais dinâmica é que as culturas e raças se aglutinam e interligam gerando a construção de novas ideias sobre identidade e pertencimento. Sendo assim, essa resignificação permite portanto a abordagem do campo político dentro da questão identitária, tornando possível a desconstrução de conceitos como o de homogeneidade que consequentemente dão vazão à concepções que possibilitam a formação da luta pela identidade e pela legitimação da diversidade.

A memória, culturas e identidade negras no âmbito do museu se encontram permeadas destas discussões que precisam ser esclarecidas, em prol da maior valorização destas memórias e identidades muitas vezes negligenciadas e portanto esquecidas.

OBJETIVO

Identificação e comparação das formas como são empregados os discursos sobre a memória, culturas e identidade negras nas exposições, usando como casos de estudo três museus do estado do Rio de Janeiro.

- Analisar como se dá o discurso sobre o negro nas exposições de longa duração dos museus escolhidos.
- Analisar exposições (caso existam) que englobem especificamente memória, identidades e culturas negras.

METODOLOGIA

Observar como é retratada a imagem do negro como constituinte da identidade e cultura brasileira no espaço dos Museus. Para além de uma bibliografia baseada no campo museológico, que discuta a função social do museu, será preciso a utilização de bibliografia e metodologias do campo sociológico

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

em prol de uma maior compreensão sobre a construção das relações sociais e étnico-raciais. Após a leitura e análise bibliográfica, serão observadas as exposições de longa duração dos museus escolhidos, partindo dos objetos museológicos apresentados, em conjunto com a produção textual também exposta, que configuram (mais significativamente) a construção da narrativa expositiva.

1. Análise in situ (ida aos museus selecionados) dos Museus Histórico Nacional, Museu Imperial e Museu do Negro, para análise de seus discursos expositivos e como é representada a memória, culturas e identidade do negro nestas instituições. Observando principalmente quais foram os objetos escolhidos para musealização e Museografia e em segundo plano, se há a existência de objetos e/ou obras de arte elaborados por artistas negros.
2. Levantamento de dados em prol da análise de tais discursos, nos museus citados, observando os objetos e textos de apoio.
3. Análise dos dados obtidos.
4. Apresentação dos resultados.

RESULTADOS

Os museus estão, evidentemente, procurando transformar seus discursos, abrangendo outras formas de tratar assuntos a muito defasados, buscando reestruturar suas exposições e incluir memórias antes ignoradas. Entretanto, ainda podem ser vistas inúmeras reproduções de conceitos arcaicos, que hoje estão reformulados. Ainda pensando na escolha dos objetos, tendo como principais representações às relacionadas à escravidão, quando ocorre o aparecimento de uma arte elaborada por sujeitos negros (ainda que pautada nos padrões europeus), esta é pouco representativa nos discursos expositivos, sendo exposta sem um maior aprofundamento das questões relacionadas a seu autor. Na exposição do Museu Histórico Nacional, a única representação são duas obras de Mestre Valentim, no Museu do Negro, não existe expressão alguma, assim como no Museu Imperial. Há nos museus brasileiros a opção pelo não tratamento da questão racial, ocorrendo unicamente a exaltação de práticas culturais populares como a capoeira, o samba, as comidas típicas, o sincretismo religioso e o carnaval.

Era de se imaginar que no Museu do Negro os aspectos ligados diretamente à cultura negra seriam maiores, entretanto, a figura do homem negro é suplantada e digerida pelas ideias de escravização e abolição. A demonstração excessiva de elementos abolicionistas com referências diretas à Princesa Isabel não condiz com as novas tendências, principalmente por parte do Movimento Negro, de desconstrução da escravidão. Ter uma princesa como a 'salvadora' dos escravos é mais um dos esforços de impor uma memória hegemônica, que estão sendo desconstruídos e este fato não é enunciado em nenhum dos discursos expositivos.

Na grande maioria das vezes, as histórias e representações do negro não são nada positivas, já que a menção quase que exclusiva à escravização impossibilita construir uma memória de identificação com esse tema que não seja dolorosa e degradante. Para o visitante, se encontrar no discurso do museu é estabelecer contato direto com a história de seu país e reforçar sua noção própria de pertencimento. Quem gostaria de se identificar apenas com o sofrimento? Ocorre que nos museus são encontrados ou o comedimento total a essas relações ou a lembrança torturante dos instrumentos de suplício, troncos e humilhação. O emprego da memória negra na construção da nação é menosprezado, o negro aparente no museu ainda é o subalterno do branco. Sendo o papel dos museus suscitar o sentimento de pertencimento, há uma evidente desigualdade quando são mostrados conteúdos referentes a brancos e negros.

CONCLUSÃO

É preciso a construção de uma memória que se propõe a repensar a exposição desse passado, que se mostra glorioso sim, mas também de lutas por legitimidade. Diversos são os conflitos na representação das identidades, culturas e memórias negras nas exposições museológicas apresentadas. Como já citado, os museus no Brasil, em sua maioria são instituições estatais que refletem as questões referentes a este modelo, reforçando discursos históricos que legitimam determinada constituição da identidade nacional.

A noção de democracia racial no Brasil é baseada na miscigenação, sendo fortalecida pela não identificação da população brasileira com o quesito raça. Entretanto, a ideia de uma memória nacional passa a ser desconstruída quando outros atores da sociedade se identificam diferentemente da construção de memória oficial.

As representações nos museus quando referentes à cultura europeia são encontradas amplamente todos os tipos de questões, os objetos apresentados designam os mais diversos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos.

A visão romantizada, ainda orientada pela conotação da miscigenação como algo a ser exaltado apenas positivamente, atentando-se à construção desse conceito como que ocorrida de maneira horizontal, culmina na percepção de um Brasil plural que contempla tudo o que somos. Não há a composição de um espaço às críticas sociais, que lida com as desigualdades e isto acaba refletido na narrativa expositiva. Não é apresentado o discurso do outro, apenas o do dominante, reforçado pela ideia de uma democracia racial.

Parte do intrigante é se perguntar o porquê escolhe-se - visto que a elaboração de uma exposição e determinação dos objetos museológicos a serem apresentados são pautadas em escolhas - apresentar de forma enfática a escravização ao invés das resistências quilombolas? Por que além dos grilhões e instrumentos de suplício não são expostos também os nomes responsáveis pela luta, não exatamente de igualdade, mas pelo fim da escravidão? Por que os nomes mencionados são unicamente de homens brancos, eruditos, intelectuais? Não existiram negros que merecem ser representados? A participação ativa dos próprios homens pretos é praticamente nula, continuando sendo apenas meros coadjuvantes de uma história que concerne a eles mesmos. Joaquim Nabuco e outros abolicionistas são citados, a princesa Isabel ainda é tida como heroína da nação. Não que estas figuras não tenham sido importantes, mas ao se transferir o feito da abolição única e exclusivamente à bondade das elites, ela em si aparenta ser mais uma concessão do que uma efetiva luta que perdurou anos.

É de responsabilidade dos museus e seus profissionais pensar a elaboração das exposições de maneira a respeitar as culturas representadas, elucidando ainda a reflexão

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

sobre o tema. Estabelecer conexões também é função do museu, já que passado e presente são indissociáveis. Construir uma nova identidade, que reconhece os equívocos passados, e principalmente opta por retratá-los certamente não ocorrerá rapidamente. Todavia, a admissão das desigualdades e a posterior análise de como foram constituídas e legitimadas são os meios para que ocorram mudanças. É de responsabilidade dos profissionais de museus, dos museólogos, manterem-se atentos às reivindicações e propostas populares, e refletir sempre sobre os discursos expositivos para que desta forma, a função do museu como transformador efetivo de realidades possa ser cumprida.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *Memória e Sociedade. O poder simbólico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. Capítulo I: Sobre o Poder Simbólico, p. 09 – 16.
- COSTA, Andréa Lopes da, VIEIRA, Andréa Lopes da Costa. *A Ação Afirmativa e o Combate às Desigualdades Raciais no Brasil: Em Busca do Caminho das Pedras*, 2005 (Tese de Doutorado). Capítulo III - O Brasil como “o espelho dos outros”: A construção do discurso e da prática política racialista no Brasil, p. 124 – 153.
- CURY, Marília Xavier. *Exposição - Concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005. Capítulo I: O Campo de atuação da Museologia, p. 22 – 48.
- DESVALLEES, André; MAIRESSE, François, ed. – *Conceitos Chave da Museologia*. ICOM. Armand Colin, 2013. Disponível em: <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChaveMuseologia_pt.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2014.
- IMPERIAL IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO DOS HOMENS PRETOS. Disponível em: <<http://www.irmandadedoshomenspretos.org.br/galerias/museu.htm>>. Acesso: 28 Abr. 2014.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Arquivo Noronha Santos. Igreja do Rosário e São Benedito (Rio de Janeiro, RJ). Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/ans/inicial.htm> Acesso em: 25 de abr. 2014.
- LOUREIRO, José Mauro Matheus. *Museu de ciência, divulgação científica e hegemonia*. *Ciência da Informação*. Brasília: IBICT, v. 32, n. 1, p. 88-98, jan./abr. 2003.
- MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). 1996. *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/ CCB. 252 pp.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. *Estudos Históricos*, vol. 2, nº 3. 1989.
- SANSONE, Livio. *Um campo saturado de tensões: o estudo das relações raciais e das culturas negras no Brasil*. *Estud. afro-asiát.* [online]. 2002, vol.24, n.1, pp. 5-14. ISSN 0101-546X. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-546X2002000100001>>.
- SANTOS, Myriam S. *Os museus Brasileiros e a constituição do imaginário nacional*. *Soc. estado*. [online]. 2000, vol.15, n.2, pp. 271-302. ISSN 0102-6992. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922000000200005>.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Entre tronco e os atabaques: a representação do negro nos Museus Brasileiros*. *Colóquio Internacional: O projeto UNESCO: 50 anos depois*. Janeiro de 2004.